

SEGURANÇA PÚBLICA



Os dados do Atlas da Violência de 2019 revelam um cenário de violência com foco nas populações mais vulneráveis. As políticas do governo caminham no sentido de piorar este quadro.

Atlas da Violência revela um país em guerra

O [Atlas da Violência](#) de 2019 foi divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) em 5 de maio de 2019.

O estudo é desenvolvido a partir de dados de 2007 a 2017 do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e divulgadas no site do Departamento de Informática do SUS (Datasus). Embora não sejam os dados mais recentes disponíveis sobre o assunto - o Monitor da Violência, parceria entre G1, FBSP e Núcleo de Estudos da Violência/USP já publicou os dados das fontes policiais para o ano de 2018 e primeiro trimestre de 2019 - o Atlas permite um nível maior de desagregação e recorte das informações e faz uma análise mais profunda sobre as causas e efeitos da criminalidade no país.

O material ainda trouxe novidades neste ano, como o recorte de violência contra a população LGBTI+. Ao todo o documento apresenta dez capítulos, sendo eles:

1. Conjuntura da violência letal no Brasil (com os custos econômicos da violência)
2. Homicídios nas unidades federativas (com comparativo dos dados da saúde e dos registros policiais)
3. Juventude perdida
4. Violência contra a mulher
5. Violência contra negros
6. Violência contra a população LGBTI+
7. O perfil dos homicídios no Brasil
8. Armas de fogo
9. Mortes violentas com causa indeterminada e qualidade dos dados
10. Por políticas de segurança pública baseadas em evidências e em uma gestão federativa

Números Gerais

Segundo os dados oficiais do Sistema de Informações sobre Mortalidade, do Ministério da Saúde (SIM/MS), em 2017 houve 65.602 homicídios no Brasil. São, em média, 179 mortes por dia e uma taxa de aproximadamente 31,6 mortes para cada cem mil habitantes.

Trata-se do maior nível histórico de letalidade violenta intencional no país, desde o início da série, com um aumento de 20% dos homicídios na última década.

Para dimensionarmos, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera epidêmicas taxas de homicídio superiores a dez homicídios a cada cem mil habitantes. A taxa de homicídios do Iraque em 2015 (ano em que o país estava em guerra e estampando várias manchetes de jornais ao redor do mundo) era a metade do que foi no Brasil em 2017.

Como conclusão geral, podemos dizer que, como outros estudos já apontam, a violência acomete uma população com recorte de gênero, classe, raça, idade e território. A grande maioria dos homicídios afeta a população preta, pobre e jovem das periferias do país.

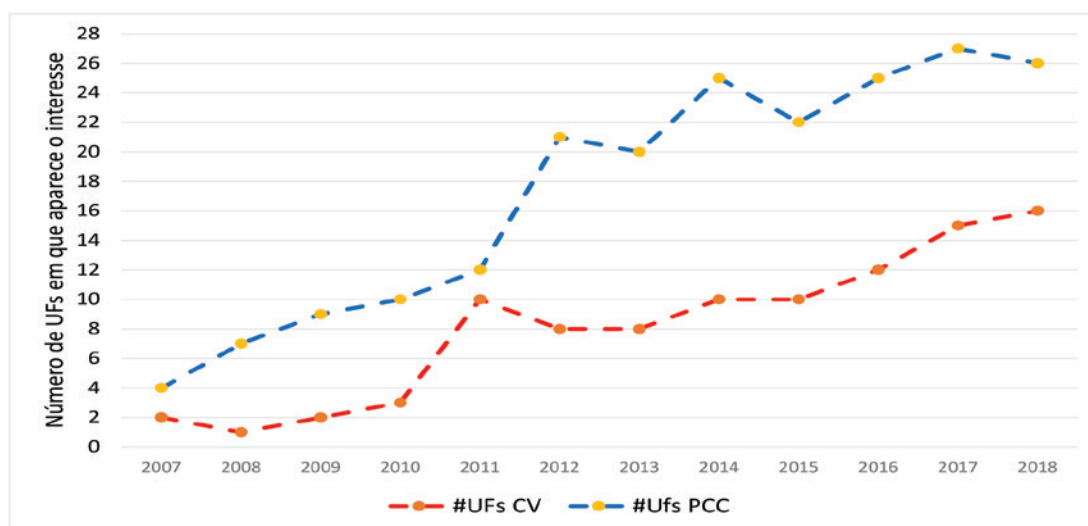
Os estados do Norte e Nordeste são os mais afetados. Enquanto a média nacional de homicídios cresceu 24% de 2007 a 2017, a taxa no Norte e Nordeste aumentou 68% no mesmo período, saltando para 48,3 vítimas por cem mil habitantes. O

Sudeste e o Centro-Oeste tiveram uma leve diminuição, e o Sul ficou estável. Estados mais violentos são AC, PA, CE, RN, PE, AL e SE.

O Atlas atribui isso à expansão territorial de facções, cujas atuações eram, anteriormente, limitadas à região Sudeste do país. Destacam-se duas em especial: o Primeiro Comando da Capital (PCC), o Comando Vermelho (CV) e seus aliados regionais, como Família do Norte, Guardiões do Estado, Okaida, Estados Unidos e Sindicato do Crime. PCC e CV disputam o controle do tráfico e das cadeias do país (espaço importante para angariar mão de obra para o crime), num cenário que apresenta uma nova dinâmica de produção de cocaína. Paulatinamente à diminuição da produção na Colômbia, desde 2000, e ao aumento da participação da produção peruana e boliviana, o Brasil passa a assumir gradualmente uma posição estratégica como entreposto para a exportação da droga para a África e a Europa.

O Atlas 2019 ainda apresenta uma metodologia interessante para medir a chegada das facções aos estados do Norte e Nordeste, o Google Trends. Por exemplo, em 2007 o interesse maior sobre o PCC e o CV em pesquisas na internet se limitava a estados do Sudeste e Centro-Oeste. Já a partir de 2017, o interesse relativo pelo PCC abrangia quase todos os estados da federação e interesse pelo CV foi verificado em dezesseis unidades da federação, conforme vemos no gráfico abaixo.

Número de UFS com índices de interesse positivo sobre "CV" e "PCC", segundo o Google Trends - Brasil (2007-2018)



Fonte: Google Trends. Elaboração: Atlas da Violência do Ipea e FBSP

Juventude

São jovens 54% das mais de 65 mil vítimas, de 15 a 29 anos. Em 2017, 35.783 jovens foram assassinados no Brasil. É uma porcentagem bastante absurda se pensarmos que jovens representam apenas 20% da população brasileira. Esse número representa uma taxa de 69,9 homicídios para cada cem mil jovens no país. Observando especificamente o grupo dos homens jovens, a taxa de homicídios por cem mil habitantes chega a 130,4 em 2017. O aumento dos homicídios foi de 37,7% em dez anos. Estes índices que o Atlas denomina juventude perdida se dão exatamente no momento em que o país passa pela maior transição demográfica de sua história, rumo ao envelhecimento, o que impõe maior gravidade ao fenômeno.

Raça/cor

Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios foram negros (definidos aqui como a soma de indivíduos pretos ou pardos, segundo a classificação do IBGE, utilizada também pelo SIM), sendo que a taxa de homicídios por cem mil negros foi de 43,1, ao passo que a taxa de não negros (brancos, amarelos e indígenas) foi de dezesseis. Ou seja, proporcionalmente às respectivas populações (negros representam 54% da população brasileira), para cada indivíduo não negro que sofreu homicídio em 2017, aproximadamente, 2,7 negros foram mortos. Em Alagoas encontramos o pior cenário, onde em 2017 a taxa de homicídios de negros superou em 18,3 vezes a de não negros.

Além disso, a desigualdade racial apresenta sinais de recrudescimento. No período de uma década (2007 a 2017), a taxa de negros assassinados cresceu 33,1%, já a de não negros apresentou um crescimento bem mais lento, de 3,3%. Analisando apenas a variação no último ano, enquanto a taxa de mortes de não negros apresentou relativa estabilidade, com redução de 0,3%, a de negros cresceu 7,2%. Em termos de vulnerabilidade à violência, é como se negros e não negros vivessem em países completamente distintos.

Mulheres

Em 2017 foram quase cinco mil mulheres mortas (treze por dia) e 66% delas mulheres eram negras. Enquanto a taxa de homicídios de mulheres não negras teve crescimento de 1,6% entre 2007 e 2017, a taxa de homicídios de mulheres negras cresceu 29,9% para cada cem mil habitantes. Em números absolutos a diferença é ainda mais brutal, já que entre não negras o crescimento é de 1,7% e entre mulheres negras de 60,5%.

Além disso, o Atlas traz o brutal dado mostrando que o ambiente doméstico é mais inseguro para as mulheres do que as ruas: mortes fora de casa diminuíram 3%, mas dentro de casa aumentaram 17%, revelando um aumento dos casos de feminicídio. Uso de arma de fogo nestes casos cresceu 29,8%.

LGBTI +

Pela primeira vez a edição do Atlas faz recorte com enfoque na população LGBTI+, levantando uma questão de fundamental importância: invisibilidade desse problema sob o ponto de vista da produção oficial de dados e estatísticas. Não há, por exemplo, dados oficiais sobre o tamanho da população LGBTI+ e, tampouco, série histórica sobre a violência contra esta população. Por isso, ainda que a metodologia, neste caso, seja ainda precária (os dados são retirados dos relatórios do canal de denúncia disque 100 e PM 193), é de fundamental importância que o Atlas tenha abordado a temática.

Num primeiro relatório, o Atlas levantou que a lesão corporal de LGTBI+ aumentou em um ano (2016 a 2017) 53,8%; as tentativas de homicídio da população subiram 52%, e homicídios aumentaram 127%.

Armas de Fogo

São por armas de fogo 72% dos assassinatos no Brasil. É um número assustador e segue crescendo, mas é importante destacar que nos catorze anos anteriores ao Estatuto do Desarmamento (do ano de 2003), os assassinatos por arma de fogo no Brasil cresciam, em média, 5,5% ao ano. Depois do Estatuto, a taxa de crescimento caiu para menos de 1% ao ano.

A política de segurança do ministro Moro

Ao contrário do discurso do governo, a parcela da população que mais sofre com a criminalidade é composta pelos grupos vulneráveis: negros, jovens, pobres, mulheres e LGBTI+.

Os índices de criminalidade são considerados mais alarmantes do que os de países em guerra e vistos pela Organização Mundial da Saúde como uma epidemia. As armas de fogo têm papel importante nesse quadro.

As políticas implementadas pelo governo Bolsonaro caminham no sentido de piorá-lo. O decreto que libera o porte de armas (assinado pelo presidente ain-

da em maio) foi, em junho, derrubado pelo Senado e agora segue para a Câmara de Deputados.

O pacote de Moro promete aumentar o número da população prisional, o que significa, entre outras coisas, ampliar o espaço de ação do crime organizado (veem nas cadeias um espaço para angariar mais mão de obra) que, como apontou o Atlas, tem direta conexão com a criminalidade do país.

O quadro é complexo e estão em jogo dezenas de milhares de vidas por ano. As soluções devem perpassar por estudos e comprometimento com a redução da criminalidade e políticas de preservação da vida e não por discursos de mais violência e estímulo à guerra.